ANO 2.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 1923 N.º 535

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

JOÃO de Castro, que ainda ha pouco saiu do carcere, absolvido do crime de promotor de uma revolução, publicou já um vigoroso folheto de propaganda — *A Revolução Nacionalista*. Apresenta todo um programa de restauração da nacionalidade, reconstituida para o equilibrio das suas forças organicas. Dele recortamos este trecho:

«Portugal não está decadente, Portugal está mal governado, Portugal não tem vida politica.

Eis o nosso mal, o grande mal da Nação.

Da incapacidade do governo e da sua não correspondencia ao desejo do povo deriva o espirito revolucionario. Com as revoluções porém, ainda que procurem o bem, se aumenta o mal, pois se quebra a disciplina social, tanto mais que o espirito revolucionario espalhando-se não provoca apenas as revoluções das grandes aspirações do povo, mas a daqueles que falharam, que são incapazes, que querem manter-se no poder e que desse estado colectivo se valem.

Sem autoridade nacional, sem organização politica, e sem disciplina social, a Nação e o seu povo estão sujeitos a todos os males.

Estas são as causas e delas derivam todos os erros e defeitos. A vida politica não representa nada, portanto. A vida da Nação não se manifesta no governo e este não a representa nem a chefia. Não ha a primeira de todas as condições: a autoridade nacional.

A vida social em todas as suas manifestações faz-se á parte da vida politica, destrambelhadamente e daí a incapacidade de resolução do problema social, a inexistencia de um sistema social em que tudo se englobe, a falta de leis necessarias de disciplina e de protecção ás classes, a revolta social latente e perpetua. Com estas duas condições, falta de chefia e falta de sistema de trabalho, é fatal uma pessima vida economica e financeira, e consequentemente um regime de fome e de repressões.

Acrescentemos a isto a incapacidade completa, a incompetencia criminosa de todos aqueles que comparticipam no governo incapaz, escolhidos já entre todos por intelectualmente e moralmente o aceitarem e a sua infamia de caracter demonstrada por essa aceitação e teremos o nosso estado.

Não é a decadencia, é o descalabro. O povo não está decadente, a Nação não está decadente nas suas energias profundas e mais altas. Mas a perdição é quasi completa pelo descalabro da organisação nacional em todas as suas consequencias.

O nosso mal é politico, a consequencia o descalabro. Ele presta-se a todas as infamias que não são mais do que consequencias suas se bem que aumentativas do seu mal.

Todo o mal da Nação vem disto: a falta de autoridade nacional organizada.

A conclusão portanto: a substituição da autoridade incapaz e a organização da nova autoridade».

* * *

ENVIARAM-NOS o seu cartão de boas-festas — gentilesa que muito agradecemos e retribuimos — os srs. dr. Alberto Felix de Carvalho, consul geral de Portugal em Madrid; Israel Anahory, consul de Portugal em Cette; F. Julio Borges, distinto engenheiro-agronomo; Antonio Joaquim de Magalhães e Mario Silva, correspondente do *Diario de Lisboa*, em Carregal do Sal.

* * *

AO nosso colega portuense, *O Primeiro de Janeiro*, que ha três dias completou o seu glorioso 54.º aniversario, enviamos os nossos cumprimentos, especialisando o seu ilustre director, sr. Jorge de Abreu, que tanto o tem feito progredir.

* * *

FOI autorizado o Deposito Central de Fardamentos a contrair, um emprestimo de 72:269$50, na Caixa Geral dos Depositos.

PERSONALISMO

Nós presamos muito as anedoctas, ouvindo-as com prazer e contando-as depois com desvanecimento. Bastantes criaturas devem a sua reputação, exclusivamente, á habilidade em as inventar.

As reflexões dos espiritos solidos e profundos massam-nos.

Os pensamentos meditativos que buscam a razão das coisas e a causa dos fenomenos só nos inspiram o desejo de os abandonarmos, deixando-os entregues ás suas filosofias, intragaveis para o nosso espirito mais ligeiro que verdadeiro.

As pessoas nos interessam pelo seu aspecto pitoresco, os seus ridiculos, os seus ditos, os seus gestos teatrais, as suas atitudes espaventosas, a sua historia secreta, os seus vicios e as suas manias.

Porque é que, entre nós, os homens celebres acabam sempre por ser devorados pela sua propria celebridade?

Esgotados como materia de anedoctas, perdem todo o interesse para as turbas. Somos dos países que consomem mais notabilidades.

Quando já não temos gente de autentico valor para desacreditarmos, lançamos mão do primeiro valdevinos que vai passando, assopramos-lhe a penuria e a ambição, para, em seguida, o convencermos de que os seus meritos e qualidades são enormes.

Apenas ele se firma nesta deliciosa persuasão, começa logo a desdita a desmontá-lo das suas toleimas, até que sucumba sob o peso da sua falsa gloria.

Haja vista o que se dá com os politicos que são os mais espectaculosos e efemeros dos mortais.

Ninguem indaga das suas ideias, dos seus planos, dos seus metodos de governo, para os criticar com senso ou para os aplaudir com consciencia. Os próprios jornais não os discutem, mas contam-nos a sua história em artigos de fundo, em *écos*, em reportagens sensacionais e em descomposturas descabeladas.

Quando, por exemplo, na Inglaterra se fala de Bonar Law ou Lloyd George, vê-se em cada um deles uma politica, uma maneira diversa de encarar e solucionar os problemas da actualidade.

Em Portugal, o caso é muito outro, porque ninguem se dá ao incomodo de apreciar o talento organisador dum estadista, mas sim o modo como ele se presta a alimentar as palestras e a animar os soalheiros.

Procuramos o escandalo, como as moscas o mel.

Quem não satisfaça esta necessidade imperiosa, esta febre de má lingua, nunca subirá acima dos tacões cambados das suas tristes botas.

De certos individuos que subitos redemoinhos das ruas fizeram senhores... da sua incompetencia, diz-se unicamente:

— «É muito simpatico».

Trepam até aos pináculos da Republica e por lá cometem daquelas façanhas que Calino perpetra nos almanaques. A simpatia de que gosam livra-os dos juizos temerários dos seus semelhantes.

PRECOCIDADE

— Toma lá meio tostão. Vai gastal-o agora em cigarros...
— Se o senhor me désse um tostão, comprava antes um charuto...

NA China, vai terminar o trafico da escravatura, pois, de hoje em deante, ninguem, mesmo depois de negociado, poderá ficar sob o dominio dum senhor, sem o consentimento proprio ou de seus pais, devendo neste caso receber um salario.

Isto que para nós parece uma conquista de menor importancia representa uma revolução nos habitos dum povo que, á força de ser velho, se imaginava filho do ceu. A Europa renova a mentalidade da China, sendo de esperar que esta, liberta do fardo de tantas tradições mortas, tambem um dia se lembre de vir até nós.

Que grande pagina de historia não valerá tal viagem!

* * *

RAMIRO de Maeztu iniciou no diario de Madrid, *El Sol*, as suas *Cartas de Portugal*. Como homem que viu o mundo e conhece a vida, por longas e raciocinadas experiencias, não trata o nosso país como um vulgar motivo de cronica.

Está no Estoril e lê *Os Luziadas*, numa simples edição escolar.

Não faltará quem julgue que a leitura do nosso epico não conduz directamente ao conhecimento actual do povo português. E' um engano. Camões é o guia eterno dos que nos queiram perceber. Tudo o que não está nele, para ser bem nosso, deve reduzir-se a ele, tomando o seu espirito. O resto são coisas de pequena monta.

* * *

ENCONTRA-SE já á venda a revista *De Teatro* que progride de numero para numero. Publica as *Rosas de Todo o Ano*, de Julio Dantas, acompanhadas das traduções em francês, espanhol e italiano, com uma feliz reprodução duma aguarela de Leitão de Barros. Traz colaboração de André Brun, Aquilino Ribeiro, Jorge d'Outiz, Augusto de Lacerda, Signoret, D. Jacinto Benavente, Carlos Santos, Henrique Roldão, Silva Tavares, Silva Passos, Orsini de Miranda, Carlos Abreu e outros.

* * *

O ULTIMO livro de Eugenio de Castro — *Cravos de Papel*, apresentado numa galante edição da *Lumen*, vem mostrar-nos que a inspiração do grande poeta se mantem numa atmosfera de infinita puresa que os maus bafos do nosso tempo não maculam. A sua arte, tão rica e tão perfeita, deixa-nos a impressão de que ela é como a propria vida uma fonte inalteravel, caindo sempre na mesma maravilhosa bacia de granito.

* * *

ABRE, ámanhã, para a imprensa, a exposição de aguarela de mademoiselle Helena Roque Gameiro, no salão da rua D. Pedro V. E' uma rica galeria de arte feminina, na qual o talento da notavel aguarelista se afirma exuberantemente.

* * *

QUASI todos os grandes diarios de Madrid se têm referido ás notaveis entrevistas que o nosso colaborador, sr. Joaquim Leitão, publicou no *Diario de Lisboa*, destacando-se *El Mundo*, *La Tribuna*, *El Globo* e *La Epoca*.

* * *

FOI auctorisado a seguir a bordo do cruzador *Carvalho Araujo*, o major do exercito Francisco Reno que vai assumir o cargo de comissario geral da policia de Ponta Delgada.

Funcionalismo

Uma declaração

Para os devidos efeitos declara o abaixo assinado, que das 0 horas em deante, do dia 29 de dezembro p. p., readquiriu a sua liberdade de acção, considerando-se absolutamente desligado dos compromissos assinados na reunião magna realizada pelo pessoal do seu quadro, nas salas da Associação dos Caixeiros, na noite de 27 do mesmo mês e ano.

E como não é seu habito tomar atitudes que não justifique, é seu dever declarar que procede assim, por não terem sido respeitadas as deliberações tomadas na referida reunião magna de 27, condição imposta pela assembleia, para dar o seu apoio moral e material ao restante funcionalismo, na sua reclamação, aliás justa, sobre a equiparação dos vencimentos, ou seja o cumprimento do artigo 32, da lei 1353.

Mais declara, de harmonia com o culto sagrado que manteve sempre pela lealdade, que manteve e defendeu o mandato que lhe fôra confiado pelos seus camaradas; e ao camarada que na noite de 29 lhe segredou ao ouvido —*ai tem o resultado da sua obra*—dirá que nunca julgou que houvesse, quem manifestasse pela honra alheia, um tão absoluto desprezo, e pela dignidade e brio, um tão revoltante critero.

Para finalizar declara ainda, que, embora profundamente ferido, com uma desconsideração que não merecia, e absolutamente desiludido com tão flagrante deslealdade aguardará com calma e serenidade a atitude da grande familia burocratica, da qual é um dos membros mais humildes, para lhe dispensar toda a sua solidariedade, isto, em harmonia ainda, com aquele culto sagrado que manteve sempre pela lealdade e saberá manter, mesmo que lhe não seja dispensado igual tratamento, como agora sucedeu.

Antonio J. de Magalhães

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

FLORA
20, Travessa de S. Domingos, 22
Optimo serviço de chá e torradas, LEITE PURO, cacau, chocolate e café. Delicado serviço de pastelaria e doces regionais. Vinhos, champagnes e licores.

AUTOMOBILISTA LISBOA AUTOMOBILISTA
AUTOMOBILISTA LIMITADA
O mais importante sortimento de acessorios para automoveis europeus e americanos
Representantes exclusivos dos
CONTA KILOMETROS O. S.
Rua Alves Correia, 160—LISBOA
Telef. 4218 N. End. Tel. AUTOMOBILISTA

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

FAZENDO O BALANÇO

O QUE FOI O ANO DE ARTE DE 1922

AUSENCIA DE REVELAÇÕES E EXPOSIÇÕES ISOLADAS SEM :: GRANDE RELEVO ::

O ano que finda hoje, sob o ponto de vista de Arte, dá de facto motivo a um balanço sem pretensões a definitivo ou sequer a erecto, mas pelo qual—na aproximação dos valores e no relato dos acontecimentos—se pode chegar a esta conclusão pouco optimista: a arte entre nós não progrediu sensivelmente.

Registaram-se, é certo, alguns sucessos, mas destes sucessos «parados», que não adiantaram uma gloria aos nomes já feitos nem trouxeram á superficie revelação alguma.

Quando muito deram aos autores uma epoca curta de notoriedade, durante a qual os seus nomes — alguns dos nomes—foram justamente apreciados.

No nosso paiz os belos espiritos de arte, quere aqueles agarrados ao conservantismo dos processos classicos, quere aqueles seduzidos pela moderna politica alucinada e estilisada da côr e do sentimento — esses belos espiritos existem em numero suficiente a darnos uma representação condigna no concerto europeu das Artes.

Mas o meio é fragil! Mas o ambiente é negativo! Mas o auxilio oficial é reduzido! Mas as circunstancias politicas — pesando no espirito — levam o creador, o artista a um desfalecimento, do qual só os fortes ou favorecidos do destino conseguem reagir!

Assim — a estagnação artistica do Ano tem que ser atribuida mais a factores de ordem exterior e precaria, do que á falta de instintos ou á carencia de temperamentos eleitos.

Seja isto dito para honra, ao menos para defesa, dos nossos artistas ás vezes mal julgados.

* * *

Em todo o caso, e sem descer ás causas da «crise de progresso» e da ausencia de grandes acontecimentos em Belas Artes, temos que nos guiar por factos. Os factos são, como dissemos, pouco lisongeiros.

Exposições — fizeram-se muitas. Dos nomes que este ano conseguiram relevo, mantendo o seu titulo honroso, ou se apresentarem bem, justificando as promessas que neles se depositavam, destacamos mestre Columbano — que se afirma o maior, pintando pouco para o publico, mas pintando sempre, no mesmo recolhido ardor, deante da lampada sagrada da sua Fé, e cuja obra, entre mãos, é um penhor de um belo esforço de Arte para a historia de arte contemporanea —, Carlos Reis, outro mestre a todos os titulos credôr do respeito dos antigos e dos amadores, pintor dos brancos, dos costumes, das graças portuguesas, das extensões panoramicas, e seu filho João Reis, grande afirmação em pleno triunfo, dois pintores cheios de probidade que no estrangeiro elevaram o nome de Portugal a uma grande altura.

Ao lado dos dois Mestres, e de João Reis, que ainda o não quere ser, os outros Mestres ficaram um pouco parados. Malhôa, o grande pintor do Sol e da tristeza—não apareceu. Salgado não teve um ano capaz de nos fazer lembrar a sua palêta fresca e alegre de outrora. Consoladoramente registamos que Antonio Carneiro, o pintor desenhador das mascaras e das almas, modelador de sorrisos e plasticisador de expressões femininas e infantis, obteve um belo triunfo, um confortante premio do seu recolhimento mistico de artista. Depois dele, Martinho da Fonseca, a maior afirmação de Arte—a verdadeira dos olhos e do espirito—teve um ano conscienciosa, no desenho e no oléo, tendo alcançado a medalha de Honra no desenho, em que é eximio. Mestre João Vaz, sempre trabalhador, sempre filho do mar e do azul-verde calmo das baías, fez a sua exposição no Bobone, com relativo exito, e já é bastante. No final do ano, Falcão Trigoso, filho do Algarve—esse Algarve encantado que tantos artistas e poetas nos dá!—fez a sua exposição mantendo os seus creditos. Seja licito dar relêvo a Alves Cardoso, o Mestre mais novo como já alguns querem, mas que não trouxe á luz nenhum grande trabalho novo.

Na aguarela, 1922 manteve dois belos nomes: Alberto de Sousa, em plena maturação de tecnica, no dominio perfeito do seu pincel, hoje já no plano dos artistas dignos de Museu em qualquer parte da Europa—português e escrupuloso até á medula da sua organização impecavel de artista—e Leitão de Barros, o elegante, inteligente, estudioso aguarelista das superficies de seda, das espiritualizações das coisas aridas, «modisto» da paisagem, que como ninguem veste de taful, a uma maneira sua, gentil e cheia de lindeza artistica, e que no Porto teve um sucesso artistico assinalado.

Roque Gameiro, grande mestre da aguarela, sua filha D. Helena, afirmação poderosa de uma sensibilidade predestinada, e Alves de Sá, outro nome consagrado—tiveram para o publico (os seus ateliers podem-nos desmentir) um ano de menor interesse. Expuzeram pouco.

Digna de citação houve ainda a pequena, graciosa exposição de D. Alice Rey Colaço, as duas exposições Antonio Soares, o «contorcionista» das caras de mulher sem expressão, mas senhor da sua arte, da qual tantos são apaixonados; Simão da Veiga, que se quiz afirmar na arte em que ha quatro anos se assinalára já, os expositores habituais da Bobone e da Sociedade, discipulos de algum Mestre, como Varela Aldemira, Fernando Santos, Joaquim Costa—de notaveis qualidades—o escultor Leopoldo, que é uma fortissima promessa, oxalá não prejudicada pelo exagero da figurinha estilizada nos sentimentos literarios; Albertino Guimarães, Luís Burnay, Adriano Costa, Alberto de Lacerda, todos belos temperamentos.

Citaremos ainda uma exposição em Coimbra do pintor «por que sim», Guilherme Filipe, que tem uma inspiração um tudo nada morbida; Fausto Gonçalves e Carlos Lobo (falecido), o primeiro destes de muita esperança se quizer pintar; Domingos Rebelo na Bobone, Carlos Porfirio — rapaz em quem descortinamos uma linda scentelha para a arte menor — e que na *Ilustração* passou em esfuminhos dignos de atenção, Maria Adelaide de Lima Cruz, na Bobone, uma revelação já feita em 1921, Lister Franco e Rui Bastos, que hão de aparecer melhor etc. Que nos seja perdoada alguma falta involuntaria.

Para o fim deixamos de proposito a Sociedade, que deixou de ser o Gremio, a reunião, o conjunto de *elite*, tendo arrumado a sua questão com os novos, com honra talvez, mas sem utilidade. A exposição anual foi fraca, e dela nas apreciações acima, vai um resumo.

E' preciso arejar a Sociedade. Como? Não cabe neste artigo, escrito a correr, atrás do ponteiro do relogio. Milly Possoz foi recusada na Sociedade, Eduardo Viana não expôs, os rapazes da Escola fizeram uma exposição interessantesinha, Alberto Jourdain tem coisas lindas no «atelier»—eis pequenas lembranças que atiramos para o resumo.

Em escultura, Francisco Santos continua no mesmo dominio do seu titulo; Costa Mota, tio e sobrinho, andam pelo Brasil; Simões de Almeida Sobrinho trabalha.

E, para final: resurgiu a bela arte dos lavrantes do ferro, no lampadario magnifico do artista coimbrão Chaves de Almeida, e a arte dos lavrantes do oiro e da prata nos monumentos do artista portuense Vitorino Ribeiro, filho.

N. de A.

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.ª, L.da
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AURE, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Marqueza de Belas, condessa de S. Lourenço, D. Josefina da Silva Carvalho Osorio, D. Maria Izabel Fernandes O'Neill, D. Clara Malheiro Pereira de Castro Albuquerque Vilhena de Araujo, D. Maria de Jesus de Figueiredo Cabral da Camara, D. Maria das Dores de Vasconcelos Gomes da Costa, D. Maria José de Barbosa de Bourbon Abreu Freire (Baçar), D. Emilia Casalinho Curado, D. Lucilia da Costa Carvalho de Moraes D. Maria das Mercês de Castro da Cunha e Rego.

E os srs.:

D. Joaquim de Castelo Branco, Antonio Tameirão (Valado), Aurelio Pinto Taborda de Castelo Branco, José Vicente Martins de Andrade e Sousa, Alvaro de Lancastre Araujo Bobone e Joaquim Manuel Germont de Oliveira.

Casamentos

Realizou-se ontem, na vila da Moita, o enlace civil e religioso da senhora D. Julia Alves da Silva, filha da senhora D. Maria da Arrabida Alves da Silva e do sr. Manuel Alves da Silva, conceituado proprietario na mesma vila, com o sr. Manuel Mateus, nosso camarada da imprensa, empregado superior do Consorcio Geral de Seguros.

Foram padrinhos dos noivos as senhoras D. Mariana da Silva Caetano e D. Maria Gertrudes de Carvalho e os srs. Antonio Caetano e Luis da Costa Santos.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Alice Cardoso de Araujo Xavier de Brito, esposa do sr Alberto Julio Correia Xavier de Brito. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Festa intima

Na sua residencia, na Praça dos Restauradores, madame Carrera e seu marido, o nosso colega, correspondente do «El Sol», de Madrid, em Lisboa, sr Allejo Carrera, ofereceram no dia de Ano Novo um jantar intimo a que assistiram madame Pérez Orduño, D. Maria do Amaral Ferreira, D. Cristina Cardoso, D. Margarida Correia e os srs. D. Inácio Pérez, Oscar Held, antigo oficial do exercito russo e chanceler na legação russa em Londres, João Baptista Ferreira e seu filho João, comendador João Maria Ferreira e Filipe Gouveia.

Após o jantar, que foi primoroso, seguiu-se uma encantadora «soirée» para a qual estavam feitos mais convites.

A meio da noite foi servida uma taça de «Champagne» a todos os empregados da Agencia Radio e da Sociedade Comercial Portuguesa de que o sr. Carrera é director, tendo-se trocado amistosos brindes.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» ámanhã á tarde na «matinée» do Cinema Condes e nas sessões da moda do Eden, onde está em scena, com grande exito, a espirituosa revista «Tiro ao Alvo».

A caridade

Chá elegante

Presidida pela ilustre senhora duquesa de Palmela, organizou-se uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, para levar a efeito uma festa de caridade que constará de um elegante chá, a que certamente está destinado um grandioso exito mundano.

Brevemente nos referiremos mais detalhadamente a esta festa que deverá marcar como a mais elegante deste inverno.

Em viagem

Com sua esposa a sennora D. Maria Teresa Borges de Sousa, encoutra-se em Lisboa o sr. D. Manuel de Sandoval Ximenes Teles.

—Parte hoje para o Porto regressando depois de ámanhã o sr. Artur Tavares de Melo.

—De visita a seus pais está em Lisboa o sr. António Rodrigues de Saint-Maurice.

—Regressou de Madrid o sr. dr. Herlander Ribeiro

Pelo "sport"

AO SOM DO «GONG»

Os combates de ámanhã no Coliseu

Chega hoje á noite, no rapido do norte, o «boxeur» portuense Tavares Crespo, que ámanhã, na «soirée» de «box» no Coliseu, vai disputar o titulo de «leves» ao actual campeão Silva Ruivo. Crespo vem treinadissimo, numa forma muito superior áquela em que se bateu com Faustino.

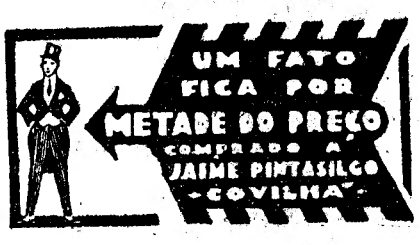
Manuel Guita está já em Lisboa.

Como os leitores sabem, é ele o «challenger» de Faustino Pereira, o nosso popular campeão de «meio-medios».

Antecederá estes «matchs» um bom combate de amadores.

A «soirée» começa ás 21-30 horas, devendo as bilheteiras do Coliseu ser abertas de tarde.

ALSTER HOTEL RESTAURANT
Trafaria
Proprietaria B. J. FELGENHAUER



LITERATURA

"As sete dores de Nossa Senhora"

TRANSCREVEMOS UM CAPITULO DA ULTIMA OBRA DO GLORIOSO PROSADOR BRASILEIRO COELHO NETO

Foi um amotinado alvoroço no Pretorio quando, depois da fraqueza de Pilatos, ao som das buzinas roucas, os soldados da guarda romperam vagarosamente a marcha.

O povo, atropelando-se, refluiu aos brados.

Mercadores retiravam açodadamente os taboleiros, corriam com os gigos, puxavam ou continham os animais espantados. Mulheres debandavam como perseguidas, levando nos braços os filhos que choravam, esperneando com medo.

A tarde abrasava. Uma nuvem de pó ondulava nos ares como imenso véu doirado.

Apesar da brutalidade com que os legionarios repeliam, a conto de lança, os curiosos que se apinhavam fechando a passagem, a turba adensava-se a mais e mais, engrossando-se com os que chegavam de longe, atraídos pela noticia da sentença e pelo gozo do prometido espectaculo de morte.

Quando Jesus apareceu, derreado ao peso da cruz, a fronte livida, laivada de sangue, as faces denegridas das punhadas com que o haviam maltratado, foi um delirio na multidão. Homens ecenavam com as abas das tunicas, com os turbantes; cajados entrechocavam-se alegremente. Mulheres agitavam os mantos, rapazes bailavam aos saltos, atirando ao ar as fotas, soltando gritos selvagens. E as injurias cruzavam-se: afrontas, obscenidades, doestos caluniosos.

Vozes pediam com sarcasmo um milagre.

Um velho maltrapilho, os pés envoltos em sujo esparto, avançou frenetico, com os olhos cheios de colera, a longa barba, amarela e eriçada, ainda humida de vinho e, levantando os braços, magros e guedelhudos, poz-se a rouquejar contra a vitima.

—Eh! lá, homem de Nazareth, mais depressa, que os corvos começam a estalar os bicos de impaciencia Chama os anjos para que te ajudem. Chama-os, seductor de mulheres! intrigante! feiticeiro! Mostra o teu poder.

E outras vozes romperam em grita:

—Foi ele que fez murchar a vinha do meu horto.

—O meu campo era fertil, ele passou junto á cerca e logo a terra secou e toda a planta morreu.

—Impostor! Feiticeiro!

Uma pedra zuniu, bateu no madeiro esfarelando-se.

Jesus não levantava os olhos, seguia lento, obedecendo a uma corda que lhe haviam atado ao pescoço e que o centurião, de instante a instante, em empuxo, atesava. Acompanhavam-no dois criminosos, levando cruzes mais leves. Eram ladrões. Mas o povo não parecia dar por eles, só em Jesus reparava tornando o alvo de todas as chufas e brutalidades.

A's portas das casas saiam os moradores: operarios com as suas ferramentas, mães amamentando os filhos, mulheres coifadas de mitras, em tunicas tão leves que o ar enfunava-as ou lh'as apegava ás formas com a facilidade com que desfaz o fumo, os braços nus, enrodilhados em braceletes de ouro, os peitos brancos desnudos, acenando aos mancebos, chamando-os para pedir informações

Algumas apoiavam-se, com languidez, em escravas que traziam fiabelos de longas plumas ou liras.

Nos eirados agitavam-se chusmas de curiosos, os braços erguidos, sustendo tunicas abertas ao sol á maneira de velarios. Os pombos voavam assustadamente com um forte estalar de azas.

A' medida que a marcha se alongava mais, crescia a multidão vociferadora.

O martir arfava, alagado em suor e em sangue; as pernas tremiam-lhe, por vezes dobravam-se. De instante a instante as buzinas roucas estrugiam.

Passava Jesus diante de um casebre, cujos muros, fendidos e hirsutos de hervas, ameaçavam ruir, quando lhe saiu ao passo uma mulher piedosa e, com um pano de linho novo, enxugou-lhe o rosto, levando estampada na lençaria as divinas feições do paciente.

O povo rompeu em assuada, aos ganidos. Um homem avançou de repelão, tentando arrancar das mãos da mulher o pano ensanguentado, mas estacou levando as mãos ambas ao peito: o rosto enegreceu-lhe, turgido, saltaram-lhe os olhos, vermelhos como posta de sangue, ferveu-lhe á boca uma espuma rubra e, com um rugido de dôr, rolou por terra, morto. E logo tresandou tão insuportavelmente que o povo fez um claro em volta do cadaver ainda quente e já desfazendo-se como velha carniça.

A boca aberta e seca, respirando aos arquejos, e tão alto que se lhe ouvia o estertor opresso, ia indo Jesus aos arrancos. Vergava o dorso e, a mais e mais, falhavam-lhe os passos tropegos. De repente, num estremeção, dobraram-se-lhe molemente as pernas e teria tombado ao peso do madeiro se mãos prestes o não houvessem amparado, não por piedade, mas por interesse cruel, por que seria uma decepção para o povo se o nazareno sucumbisse á fadiga, quando todos contavam com o espectaculo mais interessante da crucificação.

Ia o cortejo cruzando a Porta Judiciaria quando um grito lancinante atravessou o resôo da marcha e o estuar rumoroso das falas, fazendo a multidão estacar de improviso.

Uma mulher estava de pé, entre as silvas do caminho, livida, os olhos muito abertos, os magros e enfraquecidos braços alongados em desespero para o Martir, balbuciando palavras que lhe morriam nos labios, afogadas no pranto que os olhos despejavam.

Não se tirava do lugar. As hervas, que se lhe agarravam ás vestes, pareciam retê-la e o seu corpo esguio, macilento, tremia todo com violencia tamanha que os cabelos, já grisalhos, despenharam-se-lhe pelos hombros agudos.

Era Maria.

Como o centurião tirasse pelo baraço fazendo caminhar o condenado, a misera lançou-se alucinadamente por entre os homens, passou por eles sem notar nos soldados que cruzavam as lanças para contê-la, deixando no ferro de uma farrapos da tunicas. E entrou no cerco doloroso.

Chegou a Jesus e, inclinando-se, tomou-lhe o rosto nas mãos, poz-se a beijá-lo com ansia, lavando-o em lagrimas. E chamava-o em voz surda e meiga:

—O' Filho meu! Meu Filho!

Mas a turba rosnava, vozes protestaram:

—Afastai-a daí! Faz-se tarde. Cumpra-se a ordem de Pilatos. Morra o sedicioso!

E o centurião poz-se a caminho, levando a vitima quasi de rastos.

As buzinas troavam tirando ecos melancolicos dos vales e o som ia tão longe que se via, nos resequidos barrancos, por entre as rochas áridas, fugirem corpos brancos, como pedras que rolassem, que eram ovelhas que o susto dispersava.

O caminho pedrento, recavado em sulcos, queimava como rescaldo.

Junto a uma velha, desmantelada cisterna repousavam recoveiros, com as lanças altas fincadas na terra seca e os jumentos presos a toros de figueiras mortas e, mais apartado, num mato de tojos, negro e putrido, um leproso acocorava-se arrepanhando os andrajos, não por vexame da sua quasi nudez, mas para ocultar as chagas que lhe apodreciam o corpo.

Satisfeitos do que haviam visto, muitos curiosos regressavam lentamente conversando sobre o suplicio ou sobre a festa da Pascoa; voltavam-se, por vezes, acenando para o Golgotha escalvado, onde o sol ardia em fogo vivo reluzindo nas pedras, avermelhando os cardos.

Os legionarios abochornados seguiam a passo, alguns levando os capacetes espetados nas lanças. A marcha remorava á medida que o caminho tortuoso ia alcançando o monte.

Um dos ladrões parou, pediu agua. A sua voz era rouca e aspera. Riram-lhe em rosto. O condenado irritou-se e respondeu com uma afronta, ameaçando ferozmente o grupo de onde partira a gargalhada. Foi, então, uma rinchaveihada de troça, vaiaram-no, atiraram-lhe pedras e esterco.

Maria não parava, caminhando ás tontas, com uma ansia que lhe tomava todo o ar, sufocando-a em sofrimento. Ia para o centurião de mãos postas, pedia-lhe; falava aos legionarios, voltava-se angustiosamente para a turba e, como reconhecesse algumas das mulheres, chamava-as pelos nomes.

Retrocedia a correr, pisando na fimbria dos vestidos rotos, ás topadas nas pedras que resaltavam e tomava, a mãos ambas, a cauda da cruz esforçando-se para que todo o peso do madeiro lhe coubesse: mas os soldados repeliam-na brutalmente, ameaçando-a.

—Vós não sabeis, de certo, que ele é meu Filho... Meu Filho! Deixai que o ajude a levar a cruz, tenho força para carregá-la e ainda que os braços m'a negassem, pedi-la-ia ao coração. O seu peso é mais suave do que a minha agonia e eu caminho, bem vêdes. Não é possivel que vossos olhos não vejam o meu sofrimento. Eu devo estar transfigurada.

Que fez ele? Porque assim o maltratam? Porque o levam á morte? Quando me foram dizer que o haviam condenado eu, que ardia em febre; eu que, ha mais de quinze dias, não me podia arrastar até á porta da minha casa, senti-me outra e tive forças para correr a vós e para clamar tão alto que os proprios abutres que passam nas nuvens ouviram os meus gritos e apressaram o vôo. Aqui estou sou mãe, sua mãe. Ele é meu Filho. Trouxe-o pequenino ao colo, deixai que agora o ajude a carregar o seu patibulo. Ele é tão fraco, tão doente... Se soubesseis!... Foi sempre assim fraco. Por Cesar! Por vossa mãe! Por vossos filhos!

Ajoelhou-se de mãos postas, pedindo com os olhos amarados, mas o povo não se comoveu com as suas palavras, com as suas lagrimas e te-la-ia pisado se um homem mais caridoso não a houvesse levantado fazendo-a sair.

—Corações frios! Ainda que ele fosse um assassino, vós deveis ter pena. Que fez ele?

Jesus não levantava os olhos, receioso de encontrar os de Maria e caminhava extenuado, esforçando-se; sentia-se-lhe o desejo de apressar a marcha para acabar aquela agonia, chegar á morte mais depressa.

A cruz, de rasto, a deixando pela terra um sulco sinuoso e o povo para abreviar o espectaculo, empurrava-a a rir, ajudando o Martir.

Mas as forças abandonaram-no. Parou, ergueu os olhos ao céu: os braços cairam-lhe flacidos ao longo do corpo e, oscilando, tombou de joelhos sobre as pedras agudas, sem um gemido, ficou inovel, com o rosto na terra, a coroa de junco a arranhar-lhe a fronte.

Foi nesse momento que o centurião, impaciente, vendo na turba um homem robusto, conhecido pelo nome de Simão de Cyrene, chamou-o intimando-o a levantar a cruz e auxiliar o condenado. O homem adiantou-se e, com facilidade, executou a ordem. Ergueu-se Jesus e, como o centurião tirasse pela corda com violencia, Maria, que se debatia na multidão, desmaiou e deixaram-na sobre hervas, como morta.

Mulheres cercaram-na e lenta, silenciosa, começou a subida do Golgotha por sobre ossos brancos dispersos e cardos que repontavam por entre as pedras.

APOLO Telef. N. 4129
HOJE—Recita do autor
EDUARDO SCHWALBACH
com a 15.ª representação, neste teatro, da sua sempre festejada revista
O ovo de Colombo
Noite de alegria e entusiasmo

HOJE ás 21,30
TEATRO SALÃO FOZ
ANTE-PENULTIMA
da engraçadissima comedia
O ARROZ DOCE

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
Telef. 3028 N.
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE ás 21,30
Mamã Colibri
Grande creação de PALMIRA BASTOS
Esplendidos desempenhos Magnificos scenarios
Elegantissimas «toilettes»
Interiores cuidados pela «Antiquaria de Portugal, 14, Calçada do Sacramento
A'manhã — O mesmo espectaculo
ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA
Regencia de FERNANDES FÃO
DOMINGO, 7 — 8.º Concerto de assinatura

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 7 DE JANEIRO
MATINÉE, ás 3 horas da tarde
6.º CONCERTO DE ASSINATURA
da Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
com o concurso do distincto violoncellista professor Henrique Mendonça
Notaveis primeiras audições
— PROGRAMA —
1.ª Parte — I — Freyschutz, ouverture, Weber. — II — Tristão e Isolda, Preludio e Morte de Isolda, Wagner. — III — Polaca em Dó (1.ª audição), Chopin, Orchestração de Tomás Breton.
2.ª Parte — IV — Concerto em Lá menor, Saint-Saens, para violoncello e orchestra. Allegro non troppo; Allegro con moto; Final — Violoncello, professor Henrique Mendonça.
3.ª Parte — V — Don Juan, poema synfonico, R. Strauss — VI — Rapsodia hungara em Ré, Liszt.
BILHETES Á VENDA

GRANDE EXITO
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
MILAGRE D'ALDEIA
NO SÃO LUIZ
JUSENDA DE OLIVEIRA
na pastora Maria
SABADO, 6 — 4.ª recita de assinatura
Estreia da celebre opereta de Strauss «A ULTIMA VALSA».

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
47, RUA DO CARMO, 74

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

NACIONAL
Telef. N. 3049 HOJE — ás 21 horas
A encantadora peça
O LEQUE DE LADY MARGARIDA
4 deliciosos actos, 4 — O enlevo das senhoras
Primoroso espectaculo
Na proxima semana: MISTER WU, peça em 3 actos — O HOMEM QUE PASSA, original em 1 acto
Segunda feira, 8: Recita extraordinaria
AMOR DE PERDIÇÃO — Bilhetes á venda.

EDEN-TEATRO Á'S 8 1/4 E 10 1/4
2 ESPECTACULOS COM A REVISTA TIRO AO ALVO PROMENOIRS 1$00

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Epicurismo

Tudo me diz que V. teve umas boas festas.

Os seus olhos enormes, dum castanho quasi preto; o seu nariz pequeno e delgado; a sua bôca vermelha-fonte e ninho, parece, de todos os seus pecados. O seu novo vestido, as suas novas peles, as suas novas joias, e, principalmente, o seu novo amante.

Você pertence bem á grande estirpe daquelas para quem a vida toda é uma maravilhosa e odorante grinalda de boas festas.

Morreu um ano? Nasceu outro?

Você não sabe, ou, se sabe, finge deliciosamente não saber.

O egoismo do seu instinto, que a faz correr, hoje, dividivanas, atrás dum homem, muitas vezes o «homem das calças pardas», e ámanhã, infantil, atrás duma caixa de bombons, ou duma mascote de celuloide, não a deixa pensar em coisas mais ou menos sérias —sérias porque o sejam, de verdade, ou porque assim o queira a vontade do homem— tão toleirona, por vezes, como você. O tempo? Os anos? As horas? O calendario? Você apenas conhece os seus desejos. São eles que compõem e enchem, para você, a trasbordar, o coração de vida. E só mais tarde quando as rugas e as brancas vierem —se você esperar que elas venham— você reconhecerá que, afinal, os anos existem, uns melhores, outros peores —com todo o seu cortejo trivial de abandonos e abraços. Aconselho-lhe a que não espere. Como a «Phalene» de Bataille, que você tanto «admira», consuma-se, depressa, no proprio goso criado. Viva e morra em mocidade. Só assim, a sua morte será a ultima flôr da sua longa grinalda de boas-festas.

A. A. M.

Miranda & Filhos
Joalheiros
PORTO 170-R. 31 de Janeiro-172
LISBOA 50-Rua Garrett-52

O "DIARIO DE LISBOA,,
publicará depois de ámanhã
a entrevista que o nosso brilhante colaborador
Joaquim Leitão
expressamente fez em Madrid com o senhor
Marquês de Alhucemas
Presidente do Ministerio

CAMBIOS

DIA 3

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 3|19	2 5|16
» 90 d. v.	2 7|16	—
Paris	1 614	1$642
Berlim	2 1|2	3 1|2
Holanda	8 636	8$785
Espanha	3 425	3$484
Bélgica	1 475	1$501
Itália	1$115	1$134
Suiça	4$132	4$204
Suecia	5$895	5$997
Noruega	4$005	4$122
Dinamarca	4$385	4$662
Nova-York	21$792	2[illegible]16
Brasil	2$500	2$570
Rio Londres	6 1|16	—
Libra esterlina	104$000	110$000
Ágio do ouro	2$200	2$300

QUEM VENCE?

MAIS ELEIÇÕES

Vai ser repetido o acto eleitoral em quasi todas as assembleias de Lisboa

O que o sr. dr. Cancela de Abreu, deputado monarquico, disse ao «Diario de Lisboa»

—O sr. dr. Cancela de Abreu está?

O rapasito, que dactilografa, diz que sim.

—Anuncie o *Diario de Lisboa*...

Este mandado, de algum modo futurista, torna indeciso o rapaz, que pregunta:

—O *Diario de Lisboa*?...

—Sim, não percebes? Um redactor...

O rapaz compreende, então, e parte. Ha uma pequena demora, como se tivessem que atravessar-se salões e salões. Por fim, somos introduzidos no gabinete do advogado.

* * *

O dr. Cancela de Abreu está sentado á secretária. Folheia papeis—indiferentes á nossa curiosidade. Um biombo vermelho torna vermelha a luz.

—Sr. dr., v. ex.ª tem sido muito amavel para o nosso jornal...

Cancela de Abreu sorri.

—Sr. dr., desejavamos uma entrevista...

Cancela de Abreu franse o sobr'olho.

—Perdão, sr. dr., não é uma entrevista que desejamos; é uma entrevistasinha...

Complacente, o advogado oferece-nos uma cadeira. Sentamo-nos, respirando satisfatoriamente—tão satisfatoriamente, que teriamos pedido licença para fumar, se tivessemos cigarros...

* * *

—Vai repetir-se o acto eleitoral nas assembleias onde o apuramento foi anulado. V. ex.ª acha que os monarquicos têm tudo a lucrar, acorrendo ás urnas?

—Evidentemente. As assembleias, onde o apuramento foi anulado, foram precisamente aquelas em que obtivemos uma esmagadora maioria. Uma diferença de 5:000 votos entre os nossos candidatos e os candidatos da conjunção—não é para ser desprezada...

—Mas os monarquicos acorrerão ás urnas?

—Se a ordem fôr convenientemente assegurada.

—O senhor doutor confia?

O advogado sorri. E depois duma pausa responde:

—E' conveniente confiar...

Compreendemos. Seriamos indiscretos se insistissemos.

* * *

—Qual a opinião de v. ex.ª sôbre a imposição do barrête cardinalicio? Isso influirá, de algum modo, na futura politica portuguesa?

—Bem vê: a politica é uma coisa muito contingente.. A cerimonia, que hoje se realizou, vem demonstrar, mais uma vez, que a Igreja é uma grande fôrça estabelecida. As tradições sobrepõem-se ao radicalismo inconsciente dos homens. Eles pensam que esmagam tudo—e tudo fica erguido!

Agora, no gabinete do advogado, entra o dr. Moraes Carvalho, seu colega no fôro e na Camara.

A entrevista ou entrevistasinha, como prometemos, continua a ser com o dr. Cancela de Abreu. Mas passa a ter a sanção do recemvindo, que vai dizendo com a cabeça que sim, metendo, de vez em quando, o seu áparte.

* * *

—E a questão do ensino religioso, sr. doutor?

—E' possivel, quasi certo, que vá ser debatida na Camara.

—Levantada por v. ex.as?

—Levantada por quem de direito: a minoria catolica.

—E qual será a atitude da Camara nesse sentido?

—O projecto de Leonardo Coimbra deve colher votos de aplauso. O bloco... alguns democraticos mesmo...

—Mas o governo aguentar-se-ha?

—Se na Republica, ao que parece, ninguem mais existe, alêm do sr. Antonio Maria da Silva!

—Que pensa v. ex.ª da situação politica?

—Penso que o partido democratico se esfrangalha todo, se continua no poder. Se quizer salvar-se, deve passar para a oposição. Mas eu tenho andado longe da politica. Não sei nada. As minhas ferias não teem sido platonicas...

* * *

—O parlamento reabre na proxima segunda-feira. Qual a atitude que v. ex.as tomarão?

—A nossa atitude será a de sempre: oposição aberta e franca á Republica.

—Sem pontos de referencia?

—Temos um, importantissimo: o dos escandalos. Não descuraremos o caso dos pavilhões do Rio, e na propria viagem presidencial muito existe que apurar. Precisamos de saber, ao certo, o que lá fez, de notavel e util para o país, a embaixada intelectual. A par disto, acompanharemos a marcha politica— sempre de olhos abertos, vigilantes... De positivo: guerra a um governo que não nos merece confiança, precisamente por ser republicano.

* * *

E a entrevista aqui ficou. D. Pedro correu, um dia, as *sete partidas do mundo*. Nesta entrevista com o dr. Cancela de Abreu, por pouco que não corremos os sete partidos da politica...

RUSGA GERAL

São presos 26 individuos

Durante os ultimos dias, as quatro secções da policia de investigação procederam, por ordem do seu respectivo director, a uma larga rusga por toda a cidade, sendo apenas detidos, pela 3.ª secção, 22 individuos, e pela 2.ª, quatro, entre os quais se encontram conhecidos vigaristas e gatunos.

O 19 DE OUTUBRO

Continua ámanhã o julgamento dos oficiais implicados no movimento de 19 de Outubro, devendo o sr. dr. Amancio de Alpoim continuar a sua instancia com a testemunha sr. Araujo Manaças, interrompida na ultima audiencia, devido ao adeantado da hora.

O «ASSANHADO»

seguiu hoje para o Limoeiro

Escoltado por dois civicos, foi hoje enviado para o tribunal da Boa Hora e dali para o Limoeiro Eduardo Nunes, o «Assanhado», que, conforme noticiámos, se acha implicado nos crimes do Casal Ventoso.

UM CASO TRISTE

Mais donativos para a viuva de um sargento da Armada

Para a viuva de um sargento da Armada, que se encontra na miseria e entrevada, rodeada por três filhas quasi senhoras, temos recebido mais donativos, entre eles, já ha dias, uma nota de 50$00, de *um leitor*, 20$00, de A. M., e outros donativos ainda, que assinalaremos.

Agradecemos em nome da viuva Vaz.

Pelos teatros

Um esclarecimento

A proposito de uma entrevista ha tempo publicada com um artista regressado do Brasil sobre a companhia de Lucilia Simões, recebemos um recorte de um jornal do Rio de Janeiro com uma local, em que se nega que aquela companhia não tivesse agradado, muito menos por virtude do repertorio que levava, pois que nele figuravam peças de Wilde, Bataille, Bernstein, etc. Com referencia ao resultado financeiro da referida companhia, a mesma local diz o seguinte: «E' certo que a companhia devia ter tido maior resultado financeiro, apezar de no primeiro mês a bilheteira haver arrecadado mais de 60:000$000. Mas a falta de frequencia aos teatros é facto geral. Chaby e Aura Abranches sentiram os seus efeitos; dela com razão se queixam Amarante e Satanela.»

Atrás do reposteiro

Os scenários da peça «Mistor Wu», que sobe á scena no Nacional, no proximo dia 10, em 4.ª récita de assinatura, são dos scenografos Salvador & Mergulhão e Campos & Oliveira. O guarda-roupa é do «costumier» Castelo Branco.

—Dos ilustres artistas Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby, que felizmente se encontra melhor, recebemos amaveis cartões de agradeciuento, correspondendo aos nossos cumprimentos.

—O carnaval no Avenida vai ser feito com a opereta «A Nitouche», fazendo Chaby Pinheiro o papel de «Floridor».

—As artistas Alvaro de Almeida e Teresa Gomes, fazem parte da «tournée» que Nascimento Fernandes vai fazer á provincia.

—Termina hoje a sua temporada no Coliseu dos Recreios a companhia de circo que ali tem funcionado. No proximo sabado, 6, estreia-se uma outra companhia, que trás nos seus programas as maiores novidades e atracções.

—A revista «Rosa Tirana», já em ensaios no Eden-Teatro, será ampliada com um quadro novo que os autores estão propositadamente escrevendo.

—Estão em Lisboa o «costumier» portuense Jaime Valverde e o escritor da mesma cidade, sr. Abreu e Sousa.

—O actor Humberto do Amaral, que ficou sem contracto, realiza brevemente a sua festa no teatro de S. Luis.

—O escritor Carlos Selvagem fez leitura á actriz Palmira Bastos de uma nova peça da sua autoria.

—Reuniram hoje para tratar da sua «tournée» ao Brasil, os societarios do Teatro Nacional.

—Na recita extraordinaria que se realiza na segunda feira, 8, no Nacional, com a peça «Amor de Perdição», o papel da protagonista será desempenhado pela actriz Laura Cruz. Já se vendem bilhetes para este espectaculo.

POLITEAMA HOJE
Mamã COLIBRI
com PALMIRA BASTOS

Prevenção na policia

Por se ter realizado hoje a imposição do barrete cardinalicio, a policia esteve durante o dia de prevenção rigorosa, não sendo necessaria a sua intervenção, em consequencia de nada se ter passado de anormal.

Permuta de lugares

Foi autorizada a permuta de lugares entre os professores: João Ferreira Guimarães, da escola de Medões, concelho de Santa Marta de Penaguião, e José Antonio Pereira Guimarães, de Vinhós, Peso da Regua; Beatriz Monteiro de Sousa, de Açores, e Maria dos Prazeres de Almeida Fraga, de Baraçal, Celorico da Beira; Maria da Piedade Pereira de Sousa, de Fontilo, Ana Duarte Teixeira, de S. Tiago e Maria de Lourdes da Costa, da Ribeira de Travanca, todas do concelho de Armamar, ficando a primeira na escola da segunda, outra na da terceira e esta na escola da primeira.

RECTIFICAÇÃO

No artigo de impressões, intitulado *Um drama de amor*, que o *Diario de Lisboa* ontem publicou, na sua quinta pagina, ha uma referencia ao infeliz Mario Correia que alguem poderia tomar como menos honrosa para a sua memoria. Convem dizer que procedeu sempre de maneira a não desmentir os belos exemplos da sua familia.

O seu gesto desvairado nada teve com questões de dinheiro. Da Casa Pinto & Sotto Mayor informa-nos alguem, dizendo-nos que Mario Correia foi sempre um empregado correctissimo, digno da estima de todos os seus colegas. Nestas simples palavras de justiça, ha o nosso vivo desejo de respeitarmos quem só foi vitima da sua excessiva mocidade.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

MISERIAS DE GENTE RICA

A mulher que andava

a estender a mão á caridade, com noventa contos na carteira e uma fortuna em casa

Vinha hoje nos jornais. Uma velhinha de 75 anos que fôra presa pela policia por andar a pedir esmola, trazia num farrapo de mala, cerca de 90 contos de valores. Fomos vêr. Era, pelo menos, um tipo novo de pedinte, de tantos que andam p'r'ái na industria da mendicancia.

A pobre-rica estava num calabouço. A cara encarquilhada; uns olhos que dizem idiotia; o cabelo em farripas, sem côr e sem trato; a epiderme sem vestigios de lavagem; a cobri-la, um casacão que foi em tempos de astrakan e uma saia de chita a esfrangalhar-se; nos pés, uns chinelos que são reminiscencias longinquas de bons tempos; assim nos surgiu ás grades da prisão, entre megeras e ladras de cadastro, a pobre-rica que andava a mendigar.

—Como foi isso?

A velha poz-se a ruminar, teve uma anciedade de criança, e retorquiu:

—Foi uma maluquice.

E deve ter sido, realmente, uma maluquice; porque a desgraçada tem a dançar-lhe nos olhos todo o mutismo tragico da inconsciencia que vem com a senilidade e com o alcool.

—O que ela quer é uma pinga — ia remoendo uma companheira de carcere.

E outra poz-se a contar:

—Não vê o senhor que ela...

Ao que outra obtemperou, intrometendo-se:

—Ela quando chegou... e vai disse-lhe assim... e vai respondeu ela.., e vai disse-lhe eu...

E contou, neste «vai disse ela, vai digo eu», toda a historia da pobresinha... de espirito.

E' realmente, senão rica, pelo menos bastante remediada. Mas o vinho, a aguardente, o maldito alcool tornou-se necessidade para o seu debilitamento mental. E então deu naquilo: quando lhe dá na tineta, anda a pedir esmola por maluquice.

Não tem familia? Não tem herdeiros, sequer?

Tem. E pediram por tudo ao jornalista que não dissesse o nome da infeliz que o vicio ensandeceu. Não o diremos, que a velhice tem que ser respeitada, mormente quando a desgraça teima em transformar as pessoas edosas em farrapos de miseria que mais parecem taras forçadas de predestinação.

Depois, que interessa saber-lhe o nome? E' uma vida que o tempo escaqueirou; é uma mulher que já foi uma mocidade e se tornou numa ruina carcomida de miseria moral; é uma pobre mais pobre, afinal, que as outras, porque tem dinheiro e tem familia que a quer, e tem gente a acarinhá-la, e ela chega, não obstante, á pobreza extrema de preferir a tudo o desespero de andar por aí jogada aos pontapés de todos, rôta, descalça e sem amparo, naquela peregrinação bêbeda da pedinchice.

E punha-se a inquirir, receosa da noite, que se avisinhava:

—E durmo aqui? E ainda demora muito a pôrem-me em liberdade? E não me deixam sair? E mandam-me para o tribunal?

As outras presas, as que vivem ali como em casa, de habituadas que andam áquela moradia do crime, puzeram-se a rir e a dizer em ar de chacota:

—Ora adeus! Você tem «estilha» (estilha parece que é dinheiro), vai para a rua num instante. Ai de quem não pode pagar...

E a velha dementada lá ficou, arrumada a um canto, triste, os olhos inexpressivos, vencida de todo—de forças e de espirito—quem sabe se a pensar no tempo, tão arredado, em que era menina e moça, e tinha carinhos de mãe, e tinha beijos ternos das amigas, e tinha lar, e tinha juizo, e andava requestada, e ainda não viera ensandece-la o tempo, de braço dado com o vicio assassino da aguardente?

Uma velha, vista por quem é novo, é um espectaculo que assusta e que entristece tanto...

UMA HORA DE RECORDAÇÕES

Três fabricas DE TITULOS

Julio Mardel conversa com o "Diario de Lisboa" sobre: a velha nobreza de Portugal e os titulares "novos ricos", recordando interessantes episodios da sua vida

A casa de Julio Mardel, primo co-irmão de Manuel de Arriaga, ali aos Loios, quasi em frente do quartel da guarda republicana, é um verdadeiro museu. Por toda a parte, quadros de mestres, livros antigos, retratos de reis, de principes, de nobres.

Julio Mardel recebe-nos no seu gabinete. Traja modestamente. Uma boina, uma sobretudo que deve valer de antigo. Ao canto da boca um charuto:

—Vai um charutinho. E' dos baratos. Custava antigamente um vintem... O que é que o traz por cá?

—Queria ouvi-lo durante alguns minutos. A sua conversa tem sempre aspectos novos, interessantes...

—Mas eu não quero o meu nome nos jornais. Deus me livre. Isso era para aí um alarido... Não vê que eles todos não me querem nem de barro á porta...

Pouco a pouco, porém, entra-se na conversa. E, então, passam ante os nossos olhos todos os ridiculos da nossa sociedade. Como apaixonado da heraldica, Julio Mardel irrita-se sobretudo com o verdadeiro bodo de titulos que para aí tem havido:

—E' um escandalo. Só não tem um titulo quem não quere. E, então, são logo três fabricas:—por um lado, o D. Manuel, por outro, o D. Duarte, por intermedio do Santos Farinha; por ultimo, o Vaticano. Não ha para aí ninguem que não seja titular... Olhe: a mim já me têm sido oferecidos uns poucos. Mas prefiro uma duzia de garrafas de *cognac* a vinte ducados. Valem muito mais...

E passam então diante de nós, ridiculos, nas suas pelissas e nos seus *Rolls Royces* caros, os varios titulares *novos-ricos* que para aí se mascaram de fidalgos...

Sobre uma estante o livro do conde D. Pedro, bastardo de D. Diniz. Julio Mardel conta-nos a sua historia:

—Isto foi escrito em provençal. Um dia, um oleiro que morava aqui para os lados da Graça, quiz por força ver se descobria algum avô. Alguem, vendo que ele tinha dinheiro, traduziu-lhe o livro como quiz, deturpando varias passagens. Foi preciso mais tarde Herculano ter a utilissima iniciativa de, com um grupo, rectificar todo o livro. Por aqui se vê que as cinco familias mais nobres de Portugal, as da fundação, são os Sousas, os Bragançoes...

—Os principes exilados...

—Esses são Saxe-Coburgo-Gotha. Os Mayas, os Velhos e os Coelhos. Além destas e doutras que depois se nobilitaram na India, na Africa, o resto nada tem de sangue nobre...

Julio Mardel, a boina puxada sobre os cabelos brancos, evoca depois episodios da sua mocidade, a cena de pugilato com o infante D. Afonso, em casa da Josefa, ali ao largo do Picadeiro, onde estão agora os «Patos», que poz toda a area em estado de sitio, e outras em que as ultimas duzias de anos do constitucionalismo foram prodigas.

* * *

—Ah, meu amigo! Inda havia nobreza! Não era como agora! Fôsse lá qualquer jornalista beliscar, ao de leve que fôsse, qualquer fidalgo! Inda me lembra uma scena passada ha uns sessenta anos: Eu estava no Ferrari com o Andrade. A certa altura, começo a ver passar moços, cocheiros, com grandes cacetes.—«O que será? O que será?» Em breve o marquês de Niza, alto, forte, belissima figura de fidalgo, com os filhos ao lado, entrou no jornal do Agapito que ficava em frente e que se referira em termos descortezes á nobreza. E dali a pouco, caixas de tipo, mesas, cadeiras, jarras, tinteiros, tudo vinha parar á rua. Na janela, um jornalista, tremulo, pedia ao marquês que o não atirasse da janela a baixo...

—E êle?

—Perdoou-lhe e levou-o a sua casa. O homem tremia como varas verdes.

Mas o marquês, cavalheirescamente, sem lhe tocar, ofereceu-lhe algumas taças de vinho velho... Eram desta raça os fidalgos portugueses. Agora...

E Julio Mardel, entusiasmado, continua a evocar o passado:

— Quando foi da inauguração da primeira igreja protestante em Lisboa, juntámo-nos uns poucos, a cavalo, de belos chicotes nas mãos e fomos até lá. Entrava-se por um portão largo. Quando aquela gente viu a cavalgada enfiar por ali dentro, quiz resistir. Ah, meu amigo! Nunca vi dar tanta chicotada. Veiu tudo para a rua a toque de caixa...

* * *

Julio Mardel, quando começa a falar, nunca mais se cala. A sua voz é um ferro em braza a estigmatizar tudo e todos, os ridiculos da vida portuguesa, e alguns bons de mistura com a farandulagem. Tivemos, porém, que o interromper.

O charuto estava no fim. E Julio Mardel, a aparentar uma pobreza que a riquesa á vista desmentia:

—Vá lá mais outro charutinho. Dos baratos, que os outros são só para os *novos-ricos*...

MOBILIAS O que ha de melhor / O que ha de mais barato / O que ha de mais artistico

Sempre para confrontar 3 mobilias completas

Por Esc. 3.450$00

Casa de jantar ou quarto, escritorio e sala de visitas

J. de Gouveia, Campos & Comp.ª, Lim.da

152, Avenida da Liberdade, 152 (Junto ao Teatro Avenida)

A SORTE DO VAPOR "LIMA"

É vendido este navio

dos Transportes Maritimos do Estado pela quantia de mil e seiscentos contos á casa Bensaude

Ha já umas semanas que os leitores não teem noticias dos Transportes Maritimos. Encontrámos hoje de novo a pessoa que por vezes tem dito aos leitores alguma coisa sobre o assunto.

—Noticias sobre os Transportes?

—Calmaria completa. A' agitação da tempestade sucedeu a estadia de todos os navios que não estão fretados, nas aguas do Tejo.

—Mas os concursos, quando se fazem?

—Naturalmente o governo tem que estudar o assunto. A comissão liquidataria, que devia apresentar ás bases, enviou-lhe em tempos um projecto que era um pouco escandaloso demais. O programa do concurso já foi dado a conhecer pelo *Diario de Lisboa*. Por ele se viu que se determinavam alguns navios, os melhores da frota do Estado, para reforçar as carreiras de Africa; indicava-se a carreira do norte do Brasil como possivel e abandonava-se tudo o mais, deixando sem aplicação vinte e seis navios.

—De forma que...

—O governo, que está vendo surgir carrapatas por todos os cantos, teve receio de se meter noutra, e com alguma razão.

A Comissão Liquidataria já o fez cair numa cova onde decerto se enterraria a valer, caso houvesse, como dantes, uma oposição que tratasse a serio das coisas importantes.

—Mas o que foi isso?

—A venda do vapor *Lima* por 1:600 contos á casa Bensaúde.

* * *

—Como foi isso? E' uma noticia.

—Em tempos, quando no Senado se discutiu a questão dos Transportes Maritimos houve um senador que quiz dar á Empreza Insulana o direito de opção para a acquisição de um navio que reforçasse as carreiras dos Açores.

Contra essa pretensão insurgiram-se a comissão de comercio e industria e varios senadores entre os quais o sr. Joaquim Crisostomo.

Como sabe, a navegação das ilhas está completamente nas mãos da casa Bensaúde e os açorianos desejariam ver n'esse serviço uma certa concorrencia que muito melhorava as condições de transporte.

Tinham-se formado até já alguns grupos que esperavam o concurso para a venda do navio.

Para a Comissão Liquidatarta foi um representante da casa Bensaúde e sem qualquer anuncio nem mais nada aparece o navio vendido.

* * *

—Mas não traz esse procedimento vantagens para os Açores?

—Absolutamente nenhumas, porque o vapor *Lima* já ali prestava serviço, fretado á casa Bensaúde, por um conto de réis por dia, em substituição do *Funchal* já velho de mais para navegar.

«Com a venda—em hasta publica, ou por concurso—de outro vapor, os Açores ficavam com três navios. Assim, temos o *S. Miguel* e o *Lima* ou seja a continuação do *S. Miguel* e *Funchal* sem concorrencia nos serviços.

—Quem lucrou?

—Foi a casa Bensaúde, que comprou por 1600 contos um navio que lá fora não tirava pelo menos do dobro.

—Inda isso me parece o menos.

—Sim; o preço é o menos. Mas o que é inadmissivel é que estas coisas se façam á porta fechada.

Foi esse o ultimo acto da Comissão Liquidataria que terminou o seu mandato em 31 de dezembro.

O jornalista não se atreveu a acrescentar comentario algum, e a entrevista terminou.

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

TOSSE

CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE

DR. ANDREU DO BARCELONA

a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.

A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS

GIMENEZ-SALINAS & C.ª

9, Rua Nova da Trindade, 1.°—LISBOA

JOIAS DE BOM GOSTO

OURO, PRATAS, antiguidades, cristais guarnecidos, peças artisticas de novidade, proprias para brindes

Vendas com garantia — Desconto aos revendedores

Saraiva, Costa & Santos, L.da

OURIVES-FABRICANTES

VARIEDADE em objectos novos e em segunda mão que vendemos só pelo peso

Confrontem os nossos preços — TELEFONE NORTE 3954

44 -- RUA EUGENIO DOS SANTOS (Vulgo Santo Antão) -- 44

LISBOA

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido, confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confronto

Rua do Desterro, 17 a 29

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ — LISBOA — CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, París)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

OS MAIS IMPORTANTES

FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

Artigos de Viagem

Malas de mão e Pastas

Estojos de manucure e viagem

Carteiras para homem

As ultimas novidades em **Carteiras e malinhas para senhora.**

Brevemente ampliação das nossas oficinas e distribuição do nosso catalogo com gravuras e preços.

JOAQUIM COSTA, L.DA

Tel. N. 3259---RUA DA GLORIA, 21, 2.° (á Avenida)

PERAL, LTD.ª

Epoca de Inverno

Lãs, veludos, peluches, etc.

O melhor e o mais chic em todos os generos

Para bem vestir senhoras e crianças

RUA DA PRATA, 80 a 86

RAPOZAS

Mongolias e outras variedades de peles nacionais e estrangeiras a preços reduzidos.

Curte, tinge, limpa e confecciona toda a classe de peles. Execução rapida e perfeita de qualquer modelo.

Tinturaria de vestidos e fatos, côres inalteraveis.

Direcção de habeis tecnicos em todas as secções

Rua das Pretas, 49, 2.°

(á Avenida)

VAI A PARIS???

Não deixe de ir ao **Restaurant PORTUGAL** rendez-vous da colonia portuguesa **167, rua Montmartre,** ao lado dos grandes boulevards. — Proprietario. **Barbosa Araujo,** cosinha e pastelaria portuguesa. — Os melhores vinhos de PORTUGAL. — Pessoal português. — Onde se come melhor e mais economicamente.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A GUERRA NO ORIENTE

A CIDADE DE MOSSUL QUERE SER

incorporada nos dominios da Turquia

A Grecia mobiliza três divisões

LONDRES, 2

Noticias aqui recebidas dizem que a situação é muito grave na Grecia. Foram chamadas três classes do exercito, tendo sido enviadas grandes fôrças na direcção da Tracia.—(R.)

ANGORA, 3

Rebentou um movimento revolucionario no distrito de Mossul. Os revolucionarios exigem a incorporação de Mossul á Turquia.

LONDRES, 3

Devido á atitude dos turcos em Lausanne a colonia inglesa, em Constantinopla, foi prevenida para abandonar a cidade dentro de 24 horas.

1:600 maltezes vão abandonar a cidade, tendo partido já para Chipre 600 subditos ingleses.—(R.)

NO CINEMA CONDES

A estreia de dois novos episodios do «Matias Sandorf»—A estreia de hoje

Julio Verne, o romancista querido da nossa infancia, triunfa no Cinema Condes com as empolgantes aventuras de *Matias Sandorf*, que já a Academia Francesa consagrou com um premio da sua secção de literatura. A estreia do 3.º e 4.º episodios do *Matias Sandorf*, ontem realizada, de tarde e á noite, levou ao Condes duas colossais enchentes. O interesse aumenta nestes dois novos episodios de uma forma verdadeiramente empolgante. *Matias Sandorf* repete-se hoje com um belo programa que compreende uma sensacional estreia comica de Harold, *Patifa da Primavera*.

TEATRO DE S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.ª

Tel C. 5063

TEMPORADA DE OPERA

Termina depois de ámanhã, 5 do corrente o praso para a tomada de assinaturas. Dentro deste praso pois, devem ser reclamadas todas as que ficaram requisitadas pelos Srs. Socitarios e assinantes das épocas passadas, bem como as que já foram reservadas pelos novos assinantes Desde já se efectua a troca das senhas de assinatura pelas cadernetas

EM ARMAZEM

Motores electricos

Dinamos

ANPERÓMETROS E VOLTIMETROS

Lampadas, fios, cabos,

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.ª

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA

29-Avenida da Liberdade, 39

LISBOA

O Oriente a ferro e fogo

A GRECIA CONTRA A RUSSIA

Se os gregos atacarem a fronteira de Maritza, os russos mobilizarão 300:000 homens

Qual será a atitude da Russia em face da mobilização a que a Grecia — como ontem dissemos — está procedendo na Tracia ocidental? Tchitcherine, que se encontra em Lausanne, tendo-lhe sido feita a pregunta, por um jornalista, declarou textualmente o seguinte, que dá bem a nota das disposições em que se encontra o governo dos soviets:

«Se os gregos atacarem a fronteira do Maritza, consideraremos, por esse facto, como violado, o armisticio de Mudania e, desligar-nos-hemos, consequentemente, de todos os compromissos tomados. O exercito russo retomará a sua liberdade de acção e nós mobilisaremos todas as nossas forças que atingem um efectivo de 300.000 homens».

E os turcos? Estes, por sua vez, por mais que os jornalistas tenham procurado ver-lhes preocupações no olhar ou nas atitudes, não dão mostras de se importar com as disposições belicas dos gregos. Para eles, os 100.000 homens que o governo de Atenas concentrou no Tracia, são apenas uma ameaça despresivel de intimidação; tão seguros estão de que o exercito helenico, depois do desastre que sofreu ha pouco, não tem maneira de realizar actualmente qualquer ofensiva, nem que para isso a frota inglesa lhe dê apoio.

Como se vê, todos se julgam senhores da maior força, desdenhando dos contrarios. Mas, como não ha forma mais pratica de uns e outros provarem o que afirmam, senão vindo todos ás mãos, para se saber qual é, de facto, o mais forte, resulta bem poder acontecer que dentro em breve a conferencia da paz tenha de ser suspensa para se liquidar o problema greco-turco com nova e porventura mais sangrenta guerra.

A grande conferencia de Paris

O que se resolveu na primeira sessão

LONDRES, 3

O plano inglês para a resolução final da questão das reparações e o problema das dividas interaliadas que foi entregue pelo sr. Bonar Law á apreciação dos delegados aliados da conferencia, fixa as obrigações da Alemanha nos proximos quatro anos apenas numas certas entregas de generos pelas quais lhe serão dados creditos para se descontar em futuros pagamentos. A Alemanha pagará dois biliões de marcos ouro por ano nos proximos quatro anos, dois biliões e meio nos dois anos seguintes e durante dez anos mais três biliões e tresentos mil milhões ou uma soma menor, se se reconhecer que não pode pagar esta, mas nunca menor do que dois biliões e meio e que será fixada por um tribunal imparcial. Deve ser estabelecido um conselho de fiscalização das finanças alemãs em Berlim constituido por membros nomeados pela Inglaterra, França, Belgica e Italia com mais dois membros de nacionalidade americana e outro cidadão dum pais europeu neutral. O ministro das finanças alemão será o presidente desta comissão, sem voto, excepto no caso de empate de votações. Se este conselho dicidir por unanimidade que o estado das finanças alemãs é tal que a Alemanha pode começar os seus pagamentos para as reparações antes de finalizar o periodo dos quatro anos, o conselho pode resolver que os pagamentos comecem a ser feitos antes da finalização daquele praso, mas não excedendo dois anos e em pagamentos de dois biliões e estabelecendo as medidas necessarias para que os pagamentos totais não sejam por qualquer forma aumentados.

Serão emitidos titulos de 5 %, remiveis pelo governo alemão em qualquer epoca, dentro, é claro, dos prasos marcados. Estes titulos são divididos em duas séries, uma representando os pagamentos de dois biliões e meio por ano e outra representando os pagamentos adicionais acima ou abaixo de dois biliões e meio por ano. A mobilisação das reparações alemãs será efectuada por emprestimos levantados pela Alemanha, interna ou externamente. Para que se estabeleça o equilibrio orçamental e a estabilisação do marco é absolutamente necessario que seja dada absoluta liberdade á Alemanha para fazer pagamentos em moeda estrangeira durante o periodo inicial desses pagamentos e que as entregas de generos sejam pagas em dinheiro de contado, excepto nas entregas de coke á França, carvão á Italia e possivelmente tinturarias, que terão que ser dadas ainda por conta de pagamentos futuros.

Os srs. Poincaré, Bonar Law e Belatoneta expuzeram os projectos francês, inglês e italiano. Consta que o marechal Foch se mostra contrario a qualquer acção militar no Ruhr. A questão de Tanger não será discutida nessa reunião.

Laboratorios de Farmacia

Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸

(Topico oxygenado)

CURA:

FERIDAS — ULCERAS

FURUNCULOS

ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:

LISBOA—R. N. de Almada, 88

PORTO—R. dos Clerigos, 36

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS

para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

— Pelo correio mais $20 para registo —

TELEFONE NORTE 4020

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

MUSSOLINI EM FÓCO

O CHEFE DO GOVERNO ITALIANO

é condecorado com a Cruz de Guerra

Os fascistas juram fidelidade

ROMA, 2.

O general Diaz entregou a Cruz de Guerra e a Medalha Comemorativa, ao sr. Mussolini, por beneficios feitos á Italia e em memoria dos mortos gloriosos. Os fascistas de Roma desfilaram deante do palacio Ghigi, juraram fidelidade a Mussolini e dirigiram-se depois ao tumulo do soldado desconhecido, tendo terminado as suas demonstrações no Quirinal onde aclamaram os soberanos que apareceram á janela agradecendo.—(R.).

UMA BOA NOTICIA

A actual companhia de circo faz hoje as suas despedidas no Coliseu dos Recreios—A estreia de outra no proximo sabado

Não obstante o agrado que têm causado entre o publico de Lisboa e apesar de estar em pleno sucesso, dá hoje o seu ultimo espectaculo no Coliseu dos Recreios fazendo as suas despedidas aos frequentadores daquela magnifica casa de espectaculos, a actual companhia de circo, que retira para o estrangeiro a fim de cumprir novos contratos e de dar logar á estreia de uma nova companhia no proximo sabado, 6 do corrente, que vem cheia das maiores novidades.

Pódemos desde já afirmar que a nova companhia vai fazer sensação pela variedade dos seus trabalhos e pela originalidades dos seus numeros, em nada desmerecendo da que hoje finda, o que só prova a vontade que a empresa do Coliseu tem em bem servir o publico de Lisboa, conservando assim as boas tradições daquela casa de espectaculos.

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.

TELEF. C. 1196

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 15 de janeiro proximo futuro e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta companhia em Lisboa, Cáis dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de fevereiro de 1920, do artigo 112.º da Tarifa Geral e do artigo 9.º da Tarifa de despezas acessorias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prasos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retira-los, pagando o seu debito á companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 13 do dito mês de janeiro, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 29 de dezembro de 1922.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Quereis poupar o calçado? Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

A todas as refeições pedir sempre

Colares Luzitano

Superior aos melhores

Deposito: Rua da Magdalena, 215

TELEFONE 227 C

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção--C. 3194 / Administração--C. 3195

NO PALACIO DA AJUDA

Uma cerimonia á antiga

Realizou-se hoje a imposição do barrete cardinalicio ao Nuncio Apostolico --- Os discursos

"Sob as formas contingentes ha principios imortais, verdades divinas, que fizeram de Portugal uma nação grande e gloriosa" — palavras de S. E. Locatelli

A solenidade realizada esta manhã na Ajuda teve o brilhantismo pomposo oficial que se esperava. Pode, talvez, dizer-se que toda aquela pompa, resultante muito mais do *décor* maravilhoso do Palacio do que da convicção das figuras que nela tomaram parte — foi um pouco fria.

E' que a vibração numa cerimonia solene como esta, a que ontem fizemos referencia no seu alto significado nacional, não é incompativel com a sua severidade. Nem todas as cerimonias, onde o protocolo austeramente predomina, são glaciais. Supomos que a friesa de todo o magnificente acto teve a sua origem na falta do á vontade com que a mor parte, ou uma parte dos convidados, esteve naquele conjunto de etiquetas, cerimoniais, reverencias, mesuras.

O ilustre Chefe do Estado, que não precisa de possuir a figura imponente de um monarca, para realizar com decoro e grande dignidade a sua alta função de Chefe da Nação, conduziu todas as cerimonias com a correcção distinta do seu porte e com aquela sobriedade elegante que advem naturalmente do respeito que inspira a sua nobre personagem moral.

O sr. Barreto da Cruz, que exercia as funções que no ultimo cerimonial de 1903 couberam ao sr. conde da Figueira, Mestre de Cerimonias, honrou desde o primeiro minuto até a saída do ultimo famulo de Sua Eminencia a etiquêta que a Republica, afinal, precisou de adoptar nos seus formularios.

Em resumo e sintese, a solenidade foi caracterizada, além do brilho magnificente que o local empresta, por uma compostura e por uma severidade, talvez um pouco fria.

Mgr Forni entrega as credenciais de ablegado apostolico

Como o *Diario de Lisboa* já tinha anunciado, a solenidade incluiu a entrega de credenciais de Mgr. Forni ao sr. presidente da Republica. Foi um acto prévio, que se realizou com a assistencia só dos membros do governo, na Sala do Despacho ou Sala Doirada.

Damos, por interessantes, os discursos que se trocaram.

Fala o Ablegado

Excelentissimo Senhor Presidente

O desejo que, constantemente, os Sumos Pontifices demonstram de alcançar e fomentar a paz e a verdadeira concordia entre a Santa Sé Apostolica e os Governos das Nações e a suma benevolencia com que Pio XI, felizmente reinante, já desde o principio do Seu Sacro Apostolado manifestou querer compreender nesse mesmo sentimento a Fidelissima Nação Portuguesa, permitem-me hoje comparecer perante Vossa Excelencia, portador do barrête cardinalicio que devereis impôr ao Eminentissimo Senhor Cardeal Aquilles Locatelli, Nuncio Apostolico, que recentemente o Supremo Pastor da Igreja se dignou elevar ao Sacro Colegio dos Eminentissimos Cardiais.

E, portanto, nada melhor eu poderia desejar, nada melhor eu poderia suceder do que, ainda que destituido de quaisquer méritos, vêr-me escolhido pela particular benevolencia do Sumo Pontifice para trazer a um concidadão ilustre as insignias da dignidade cardinalicia e, sobretudo, vêr um digno galardão concedido á virtude e ao mérito. Não me é facil, comtudo, resumir em poucas palavras e expôr completamente os méritos que o Eminentissimo Senhor Cardeal Locatelli demonstrou em longos anos de trabalho em prol da Igreja. Por isso, omitindo tudo o mais, brevemente enunciarei alguns pontos da sua multiplice actividade, para que todos saibam que homem, benemerito da Religião, o Sumo Pontifice se dignou premiar.

O Ablegado Apostolico faz em seguida o elogio do novo purpurado, passando em scintilante revista a carreira diplomatica do Cardeal Locatelli, e depois diz:

Mas entre tantas e tão grandes virtudes, seja-me lícito recordar somente esta, que é como que o resumo de todas elas: O seu constante desejo de se conformar inteiramente com as instruções recebidas do Romano Pontifice e nunca delas se afastar. E disso temos um testemunho dado pelo proprio Benedito XV que me disse, antes da minha partida para Lisboa: «Diga ao Reverendissimo Monsenhor Locatelli que o Pontifice está muito satisfeito com a sua missão que ele desempenhou como devia e que, por isso e quanto antes, o premiará». A morte inesperada de tão grande Pontifice não permitiu que este seu desejo fosse realizado, mas foi agora levado a cabo pelo poderoso e admirado Pio XI, que deseja ter hoje, como ministro e cooperador nos arduos trabalhos do Pontificado Romano, aquela mesma pessoa que foi seu amigo e condiscípulo nos primeiros anos da juventude.

Agora, portanto, Excelentissimo Senhor Presidente, seja dado por vossas proprias mãos o justo premio á virtude, o galardão a um homem dignissimo emquanto que eu, depois de ter cumprido o honroso encargo que me foi dado, vos apresento as minhas respeitosas saudações e para vós e para a Fidelissima Nação a que presidis peço e desejo cordealmente todas as felicidades e prosperidades.

A resposta do Presidente a Mgr. Forni

Senhor Ablegado

Recebo com muito prazer o Breve pontificio pelo qual Sua Santidade se dignou encarregar-vos de me apresentar o barrete cardinalicio destinado a monsenhor Aquilles Locatelli, Nuncio Apostolico junto da Republica Portuguesa.

Asseguro-vos que ouvi com o maior agrado as vossas referencias ao desejo constantemente manifestado pelos Sumos Pontifices de promoverem a paz e a verdadeira concordia entre a Santa Sé e os governos das Nações, e muito particularmente aquela que fizestes ás afectuosas disposições de Sua Santidade o Papá Pio XI para com a Nação Portuguesa, sentimentos estes a que o governo da Republica, num largo espirito de liberdade e de cordealidade, muito se comprás em corresponder.

Verei, pois, com sincero jubilo, revestido da elevada purpura antes de terminada a sua missão diplomatica, um dos prelados que com maior distinção tem exercido em Portugal o elevado cargo de Nuncio Apostolico. Pude apreciar, durante a estada de monsenhor Locatelli em Lisboa, quanto as suas altas qualidades justificavam a fama de diplomata eminente que aqui o havia procedido, fama conquistada no decorrer de uma fecunda e laboriosa carreira, cujas principais fases, em justos e expressivos termos, acabais de resumir no vosso discurso. Será, portanto, com viva satisfação que imporei por minhas mãos a monsenhor Lacatelli as insignias da dignidade cardinalicia a que o Santo Padre se dignou elevá-lo, premiando assim tão justamente como era intenção do venerando Papa Benedicto XV, os seus serviços, os seus talentos e as suas virtudes.

Quanto a vós, senhor Ablegado, ao agradecer-vos as saudações que vos servistes dirigir-me e os votos que pelas prosperidades da Nação Portuguesa formulastes, não posso deixar de manifestar-vos quanto me foi agradavel que a escolha de Sua Santidade, para a honrosa missão que desempenhais, recaisse sobre quem, durante a sua longa permanencia nesta capital, tem sabido conciliar-se o meu apreço e uma geral consideração.

Começa a grande cerimonia — A missa e a imposição do barrete

O cortejo das personalidades da Nunciatura para a capela foi brilhante. Aquelas antigas escadarias, forradas de tapeçarias preciosas, tiveram por momentos a visão magnificente dos antigos cortejos riais.

A missa rezada pelo conego dr. Anequim, demorou vinte minutos. Durante ela fez-se ouvir no côro um sexteto sacro. Do lado da Epistola sentava-se o sr. Presidente da Republica, e defronte os srs. cardeias Mendes Belo e Locatelli. Indistintamente do lado esquerdo os membros do governo; do lado direito os prelados arcebispos de Evora, Braga, Mitilene e Meliapor. Os outros convidados, oficiais generais e altos funcionarios, ocupavam cadeiras espalhadas até ao fundo da capela.

A cerimonia de imposição foi curta. O sr. presidente retirou de uma salva o barrete, que veiu de Roma trazido pelo marquês de Bisletti e pô-lo na cabeça do Nuncio, cerimonia esta simbolica, e que corresponde, como temos dito, ao reconhecimento dos direitos de Portugal, como nação crédora da Igreja e da civilisação.

Depois reorganizaram-se os cortejos, do Nuncio para a sua sala vermelha, e do sr. Presidente para a sala doirada, onde, um quarto de hora depois, compareceu Sua Eminencia o Cardeal Locatelli e os convidados, sendo nessa altura trocados os discursos.

Por muito significativos e a todos os titulos importantes, aqui os estampamos.

O discurso do cardeal Locatelli

Sr. Presidente da Republica

Impondo-me por Vossas mãos as insignias da dignidade cardinalicia, á qual o Santo Padre, meu Augusto Soberano, na sua alta e paternal bondade, se dignou elevar-me, dais-me um testemunho de especial benevolencia, que vem exalçar ainda a honra já tão grande que me é concedida.

Permita-me, Excelencia, que vos signifique a expressão do meu mais vivo e respeitoso reconhecimento.

«Eu vejo no primeiro Magistrado da Republica a propria ilustre e querida Nação» — diz o Cardeal Locatelli

Faço-o com tanta mais emoção, porquanto, no primeiro Magistrado da Republica eu vejo, a propria Nação, esta ilustre e querida Nação á qual estou desde agora ligado por inapagaveis recordações.

Ha três anos apenas que eu tive a felicidade de conhecer este nobre país, do qual aprendi, em cada dia, a melhor apreciar o genio e a graciosa hospitalidade.

Em verdade, grandes transformações se operam.

A Providencia trabalha na formação, sob um mais largo plano, de um mundo que concilie todas as necessidades e todos os progressos das sociedades modernas. Mas sobre as fórmas contingentes, ha principios imortais, ha verdades divinas, que fizeram de Portugal uma Nação grande e gloriosa.

«... Portugal caminhará na vanguarda dos povos, nas renovações que se preparam»

Que este belo país conserve a nobre caracteristica cristão do seu caracter e do seu genio, que ele aperte os laços da sua antiga aliança com a Egreja, que ele fale e proceda resolutamente como uma grande Nação Catolica; então aplaudido pelos seus filhos e sob a benção do Todo Poderoso, caminhará como outr'ora, na vanguarda dos povos, nas renovações que se preparam e em todas as conquistas da civilisação.

O discurso Presidencial

Eminencia:

E' com sumo praser que vos imponho, eminentissimo Senhor Cardeal Locatelli, as insignias da alta dignidade a que o Santo Padre, houve por bem elevar-vos. E fazendo-o, satisfaço uma honrosa missão de Sua Santidade o Papa Pio XI, á qual a Nação Portuguesa é verdadeiramente sensivel por diversos titulos, entre os quais por serdes o diplomata que, junto do governo da Republica, durante três anos exerceu, com notaveis inteligencia, correcção e lealdade, as elevadas funções de representante da Santa Sé.

«A velha nação portuguesa acompanha-me espiritualmente» — diz o Chefe do Estado

Acabais de dizer no vosso discurso que na minha pessoa de primeiro magistrado da Republica, vêdes a propria Nação, e eu posso observar em reforço dessa vossa tão legitima segurança que ela, a velha Nação portuguesa, me acompanha espiritualmente na solenidade que, neste momento, se realiza, confirmando as palavras que, nela entendo dever proferir,

Os portugueses como sabeis por o haverdes verificado em três anos de convivencia comnosco, seguem livremente a religião que mais se harmonisa com os seus sentimentos porque o Estado, a que a Constituição Politica impõe, a tal respeito, uma atitude perfeitamente neutral, dá a todas as crenças a mais ampla liberdade, só restringida pela legitima acção de cada uma delas e pelas naturais e inauferiveis prerogativas do Estado. Mas a quasi totalidade da Nação segue o credo catolico e o Estado Republicano, sem desdouro para os seus principios neutrais, ou menoscabo das suas leis, já declarou um dia, por meu intermedio, e com aplauso unanime, na selemnissima cerimonia patriotica em honra dos soldados desconhecidos, que tem especiais deferencias para com essa mesma religião, que é, tradicionalmente, a da grande maioria dos portugueses.

E, depois disso, como já anteriormente, por diversas formas se tem confirmado a verdade desse asserto.

«São evidentes os intuitos cristãos da grande massa dos portugueses»

Por isso mesmo, eminentissimo Senhor Cardeal Locatelli, os vossos votos para que este belo país conserve, conforme dizeis, a nobre caracteristica cristã do seu caracter e do seu genio, terão facil realização, porque, como sem esforço verificais, os intuitos cristãos da grande massa dos portugueses são evidentes e tão assinalados, que a cruz de Cristo aparece sempre, com um prestigio a cada momento revigorado, através da sua historia, ou nos epicos acontecimentos que determinaram a formação da nacionalidade, ou nos nossos famosos empreendimentos maritimos de ha seculos, ou nos nossos magnificos feitos aereos da ha meses.

Por essa razão, certamente, o glorioso Pontifice que ora com tão grande aplauso dos catolicos de todo o mundo dirige os destinos da Igreja, quiz atribuir-me na sequencia de uma velha tradição, a honrosa incumbencia de vos impôr o barrete cardinalicio, e eu, em nome da Nação, a aceito e dela me desempenho, conferindo-vos, em nome de Sua Santidade, o Papa Pio XI, com a imposição dessa insignia, a posse da alta dignidade a que tiveste a suprema distinção de ser elevado e que, por vossas qualidades, bem mereceis.

A doença do chefe do governo

O conselho de ministros que estava convocado para hoje, não chegou a realizar-se. O sr. Antonio Maria da Silva, que se encontra melhor de saude, vai ser áma-nhã radiografado. Só depois disto, os medicos assistentes do chefe do governo, fixarão o dia em que ele poderá regressar ao ministerio do Interior.

LIVROS EM LEILÃO

É na proxima 2.ª-feira 8 e dias seguintes ás 20,30 horas que no Palacio Azambuja, Largo do Calhariz, 17, vai a leilão, sob a direcção da Livraria Sá da Costa, a riquissima *biblioteca* que pertenceu ao *Dr. Jaime Moniz*, em 2736 lotes (10.000 vols.) e cujo catalogo anotado e ilustrado e com prefácio do Dr. Antonio Baião (Director do Arquivo da Torre do Tombo) está á venda (os poucos exemplares que restam) a 15$00 na Livraria Sá da Costa, Poço Novo, 24. Tel. Central 3841, onde tambem se mostra o referido catalogo a quem o não deseje adquirir e se recebem encomendas. *Recomenda-se esta ocasião unica aos que desejam completar e iniciar as suas bibliotecas.*